

A ARTE NA MINHA FORMAÇÃO

Ao longo da vida, por três vezes a arte arrombou-me as portas da mente reconfigurando-me os valores, com sua orientação divina e milenar.

Foi assim.

Ainda jovem, descobri Carlos Drummond de Andrade¹. Eu era menos compreensivo e menos tolerante. Dificilmente aceitava os erros humanos. E esta maneira de ser me trazia enorme angústia, pois o homem mais erra do que acerta.

“Nossa mãe, o que é aquele
vestido², naquele prego?

.....

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,

mas a dona não ligou.
Em vão o pai implorou.

Dava apólice, fazenda,
dava carro, dava ouro,

beberia seu sobejo,
lamberia seu sapato.

¹ **Carlos Drummond de Andrade**, nascido em Itabira-MG, em 1902; falecido no Rio de Janeiro em 1987. Foi o grande poeta brasileiro do século XX. Fonte WIKIPÉDIA

² Drummond, “Caso do Vestido”.

Mas a dona nem ligou.
Então vosso pai, irado,
me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,
que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...

.....

Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo.
E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade.

Eu não amo teu marido,
me falou ela se rindo.

Mas posso ficar com ele
se a senhora fizer gosto...

.....

Olhei para vosso pai,
os olhos dele pediam.

Olhei para a dona ruim,
os olhos dela gozavam.

.....

Eu fiz meu pelo-sinal,
me curvei... disse que sim.

Sai pensando na morte,
mas a morte não chegava.

Andei pelas cinco ruas,
passei ponte, passei rio,

visitei vossos parentes,
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.

.....

...perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro
pagou conta de farmácia.

Vosso pai sumiu no mundo.
O mundo é grande e pequeno.

Um dia a dona soberba
me aparece já sem nada,

pobre, desfeita, mofina,
com sua trouxa na mão.

Dona, me disse baixinho,
não te dou vosso marido,

que não sei onde ele anda.
Mas te dou este vestido,

última peça de luxo
que guardei como lembrança

.....

Eu não tinha amor por ele,
ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado
confessou que só gostava

de mim como eu era dantes.
Me joguei a suas plantas,

fiz toda sorte de denego,
no chão rocei minha cara,

me puxei pelos cabelos,
me lancei na correnteza,

me cortei de canivete,
me atirei no sumidouro,

bebi fel e gasolina,
rezei duzentas novenas,

dona, de nada valeu:
vosso marido sumiu.

Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito

.....

Olhei para a cara dela,
quede os olhos cintilantes?

quede graça de sorriso,
quede colo de camélia?

.....

Peguei o vestido, pus
nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.
Olhou pra mim em silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: - Mulher,

põe mais um prato na mesa.
Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor,
era sempre o mesmo homem,

comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca me acalentava,

me dava uma grande paz,
um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada.

Minhas filhas, eis que ouço
vosso pai subindo a escada.”

Ao ler o poeta, aprendi a tolerância, a misericórdia e passei a aceitar os erros como algo natural e irremediável. Passei a gostar mais de mim, com todos os meus defeitos. Humanizei-me.

“De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas.”³

E aprendi a valorizar o homem simples, as coisas simples. A humildade passou a ser um dos meus mais destacados valores. Passei a valorizar o lado simples e sadio da vida, fazendo-me mais feliz.

Anos mais tarde, enfrentei outra transformação. Em demorada visita ao Vaticano fui despertado para a história de Michelangelo⁴ e da Capela Sistina. Na época da elaboração dos afrescos que decoram o teto, o Estado do Vaticano passava por momentos de guerra muito difíceis. O Papa Júlio II comandava pessoalmente as tropas: armadura metálica, espada à cinta e corajosa atitude de general. A Igreja tentava, heroicamente, conservar os Estados Pontifícios. Michelangelo criava os afrescos da Capela Sistina liderando um grupo de artesãos florentinos. O Papa tinha pressa de inaugurar e o artista trabalhava enquanto houvesse luz. O orçamento da obra era muito apertado. Com muito sacrifício, os recursos eram arrancados vendendo indulgências, favorecimentos e chapéus cardinalícios. Certa noite, ao deixar o trabalho, o artista passou na taberna para um copo de vinho. Ao sorver a bebida, notou que estava ácida. Reclamou com o taberneiro. O bom homem tomou o copo de Michelangelo e o levou à boca, constatando a acidez. Incontinentemente, avançou até o enorme tonel, posicionou-o na direção do esgoto e abriu-lhe a torneira para espanto da clientela que bebia do mesmo. “Vinho estragado a gente joga fora”. Michelangelo não esperou pelo segundo copo: saiu em disparada rumo à Capela, subiu os andaimes auxiliado por luz de velas e danificou integralmente a parte do afresco já concluída. Aquela obra soava-lhe como o vinho estragado e devia ser destruída imediatamente, sem que Sua Santidade tivesse chance de impedi-lo. No dia seguinte, na missa das 6h, ao

³ Drummond, “Confidência do Itabirano”

⁴ **Michelangelo di Lodovico Buonarroti Simoni** (Caprese, 6 de março de 1475 —Roma, 18 de fevereiro de 1564), mais conhecido como **Michelangelo**, foi pintor, escultor, poeta e arquiteto, considerado um dos maiores criadores da história da arte, no Ocidente. Fonte Wikipedia.

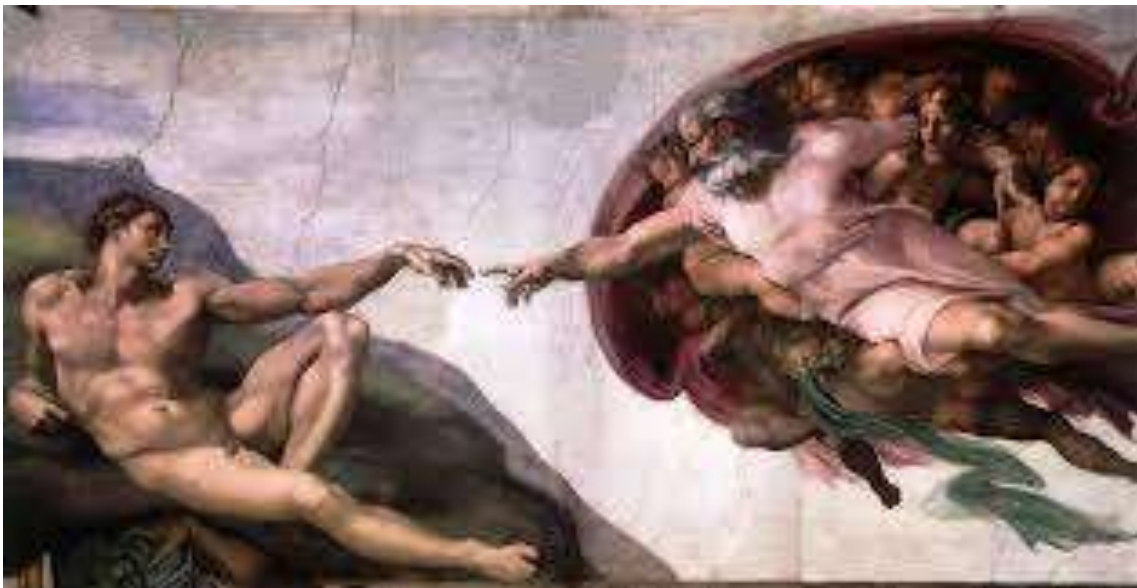
fazer a celebração, o Papa estacou, estupefato, ao ver toda a obra danificada. Revoltado, pôs a guarda à procura do excêntrico artista que havia destruído seu próprio trabalho e desaparecido. Havia fugido para as montanhas, em busca de inspiração e de si mesmo. Na quietude do campo, desenhou a história da criação do homem, mostrando Adão completamente nu, em uma época em que a nudez era um pecado horroroso e foi ao encontro do pontífice em campo de batalha. Ajoelhou-se aos pés de Júlio II, pediu perdão e apresentou-lhe a monumental história da CRIAÇÃO que, hoje, é estampada no teto da capela.

Com esta atitude de Michelangelo aprendi que a qualidade é um valor que não aceita meio termo. De tudo o que o fizermos, só seremos lembrados pela qualidade de nossas obras. Este ensinamento mudou-me a maneira de encarar o meu trabalho como engenheiro, no meu dia-a-dia.

Mas, ao verem a nudez escancarada de Adão, os cardeais fizeram ameaçadora oposição àquela figura enorme, tão primorosamente desenhada, mostrando o sexo. O ambiente ficou tenso, houve discussões a altos brados com o artista. Sua Santidade não o defendeu mas manteve o belíssimo retrato do primeiro homem. No fim da vida, já alquebrado, ao admirar demoradamente aquele teto maravilhoso, o Papa revelou a Michelangelo que considerava aquela obra a única com a qual poderia se apresentar ao Criador e pedir-Lhe a remissão dos pecados.

-Que mensagem maior o pintor me transmitiu?

-Deus criou o homem nu e, não, coberto de sedas e ouro, pois estes adereços não têm qualquer valor no plano espiritual. Mas o criador o fez lindo e forte, à Sua imagem e semelhança. Fê-lo liberto e, não, escravo. Fê-lo de cabeça erguida e, não, abatido. Fê-lo firme e seguro de sua força. Também o fez abaixo da figura divina, mas, ligado à mesma pela poderosa mão estendida.



Entretanto, a maior transformação veio-me pelas mãos de Antônio Gaudí⁵. Anos depois, em 1986, visitei a catedral da SAGRADA FAMILIA, em Barcelona, naquela época, ainda inacabada. Fiquei em estado de choque

⁵ **Antoni Gaudí i Cornet** (Reus, 25 de junho de 1852— Barcelona, 10 de junho de 1926) foi um arquiteto catalão e figura de ponta do modernismo espanhol. As obras de Gaudí revelam um estilo único e individual e estão na sua maioria concentradas na cidade de Barcelona. Morreu atropelado pelo bonde e está sepultado na Catedral que projetou e ajudou a construir. Fonte Wikipédia.

com a beleza e a monumentalidade do templo projetado pelo arquiteto catalão.

Três coisas mexeram comigo:

-o ineditismo das formas; nenhum templo se lhe assemelha; possui estilo único e inconfundível! E nada mais difícil do que conceber algo diferente e, ao mesmo tempo, tão bonito!

-a monumentalidade do templo me assustou: torres impressionantes, tratadas como elementos principais da fachada e não, como assésórios; dentro da catedral, pilares altíssimos, esgalhados no topo como troncos arbóreos; teto muito elevado, buscando o céu, como nas igrejas góticas;

-uma riqueza e uma variedade de detalhes belíssimos, de difícil execução; fiquei pensando na imensa coragem do arquiteto ao propor um acabamento tão caro e tão trabalhoso; um homem normal jamais teria tal ousadia e desprendimento pois dedicou 40 anos de sua vida a este projeto.

Perante a eternidade arquitetônica, a Sagrada Família é uma obra de arte com todos os elementos que um verdadeiro artista pode conceber. A genialidade, a qualidade, o altruísmo e a ousadia deste pequenino arquiteto catalão, estampadas na Catedral, gritam para o infinito da história que o homem é divino como quem o criou.

-De onde este simples arquiteto tirou tantos valores?

Pensei nos grandes heróis, íntegros, corajosos e ousados que habitaram entre nós nesses últimos milênios: Alexandre, Lincoln, Gandhi, Mandela...

A mensagem de Gaudi salta aos olhos: muito trabalho. A obra foi iniciada em 1882 e inaugurada em 2010. Durante 20 anos o arquiteto se dedicou exclusivamente à SAGRADA FAMÍLIA, tendo trabalhado 40 anos na concepção e na supervisão dos serviços. Escancarada à nossa frente, a grande virtude da paciência, o desapego e a certeza de que estava realizando algo muito maior do que sua trabalhosa e difícil existência humana. E com que resultado? A conquista da beleza, que traz o encantamento e a elevação espiritual aproximando o homem de todas as criaturas e ligando-o ao Pai. É necessário acreditar na divindade que se manifesta em nosso ser e ousar rompendo as barreiras do tempo! Esta a maior lição!

Como diz Ferreira Gullar⁶:

-Por que a arte?

-Porque, só a vida, não basta.

Dito desta forma, parece muito simples.

Mas, sem o belo, a própria natureza deixaria de existir.

Fidencio Maciel, em 6 de outubro de 2013.

ANEXOS



⁶ •Ferreira Gullar, pseudônimo de José Ribamar Ferreira, poeta, crítico de arte, biógrafo, tradutor, memorialista, ensaísta brasileiro e um dos fundadores do movimento neoconcretista. Nasceu em 10 de setembro de 1930, em São Luiz, Maranhão.







Fonte: WIKIPEDIA

Alguns dados da SAGRADA FAMILIA, patrimônio mundial da UNESCO.

-Construção: iniciada em 1882; inaugurada pelo Papa Bento XVI em 7 de novembro de 2010.

-Antônio Gaudi dedicou-se à obra durante 40 anos, até sua morte, em 1926 quando foi atropelado pelo bonde.

-O templo tem 80x110m; área edificada de 4500m²; 18 torres, de 98 a 170m de altura; colunas internas esgalhadas, como troncos de árvores, sustentam cúpulas em superfícies regradadas.

-em 1920, o *Aleluia*, do Messias de Haendel, foi grandiosamente apresentado na Catedral por um coro de mil cantores vindos de numerosas igrejas catalãs; possui quatro órgãos.

Quando Gaudí começou a dirigir a construção do templo, somente estava construída a cripta, da qual modificou os [capitéis](#), que passaram de estilo [coríntio](#) a outro estilo inspirado em motivos vegetais. Modificou o primeiro projeto neogótico para o seu estilo particular naturalista, orgânico, adaptado à natureza; uma das suas fontes de inspiração foi a [Caverna do Salnitre](#) em [Collbató](#) (Barcelona). Gaudí opinava que o [gótico](#) era imperfeito, porque as suas formas [retas](#), o seu sistema de [pilares](#) e [arcobotantes](#) não refletia as leis da natureza, que segundo ele é propensa às formas geométricas regradadas, como são o parabolóide hiperbólico, o [hiperboloide](#), o [helicóide](#) e o [conoide](#).²⁵ As [superfícies regradadas](#) são formas geradas por uma reta, denominada geratriz, ao se deslocar sobre uma linha ou várias, denominadas diretrizes. Gaudí as achou em abundância na natureza, como por exemplo, em [juncos](#), [canas](#) ou ossos; dizia que não existe melhor estrutura do que um tronco de árvore ou um [esqueleto](#) humano. Estas formas são ao mesmo tempo funcionais e estéticas, e o artista empregou-as adaptando a linguagem da natureza às formas estruturais da arquitetura, aproveitando as suas qualidades estruturais, acústicas e de difusão da luz. Ele assimilava a forma helicoidal ao movimento, e a do hiperboloide à luz. E concebeu a Sagrada Família como se fosse a estrutura de uma [floresta](#), com um conjunto de colunas [arvorecentes](#) divididas em diversos ramos para sustentar uma estrutura de [abóbadas](#) de hiperbolóides entrelaçados.

CASO DO VESTIDO

(Poema completo)

“Nossa mãe, o que é aquele
vestido⁷, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido
de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe?
Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa.
Vosso pai evém chegando.

Nossa mãe, digei depressa
que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo
ficou frio e não o veste.

O vestido, nesse prego,
está morto, sossegado.

Nossa mãe, esse vestido
tanta renda, esse segredo!

Minhas filhas, escutai
palavras de minha boca.

Era uma dona de longe,
vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,
foi para a dona de longe,

mas a dona não ligou.
Em vão o pai implorou.

⁷ Drummond, “Caso do Vestido”.

Dava apólice, fazenda,
dava carro, dava ouro,

beberia seu sobejo,
lamberia seu sapato.

Mas a dona nem ligou.
Então vosso pai, irado,

me pediu que lhe pedisse,
a essa dona tão perversa,

que tivesse paciência
e fosse dormir com ele...

Nossa mãe, por que chorais?
Nosso lenço vos cedemos.

Minhas filhas, vosso pai
chega ao pátio. Disfarcemos.

Nossa mãe, não escutamos
pisar de pé no degrau.

Minhas filhas, procurei
aquela mulher do demo.

E lhe roguei que aplacasse
de meu marido a vontade.

Eu não amo teu marido,
me falou ela se rindo.

Mas posso ficar com ele
se a senhora fizer gosto,

só pra lhe satisfazer,
não por mim, não quero homem.

Olhei para vosso pai,
os olhos dele pediam.

Olhei para a dona ruim,
os olhos dela gozavam.

O seu vestido de renda,
de colo mui devassado,

mais mostrava que escondia
as partes da pecadora.

Eu fiz meu pelo-sinal,
me curvei... disse que sim.

Sai pensando na morte,
mas a morte não chegava.

Andei pelas cinco ruas,
passei ponte, passei rio,

visitei vossos parentes,
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,
mas a morte não chegava.

Fiquei fora de perigo,
fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro
pagou conta de farmácia.

Vosso pai sumiu no mundo.
O mundo é grande e pequeno.

Um dia a dona soberba
me aparece já sem nada,

pobre, desfeita, mofina,
com sua trouxa na mão.

Dona, me disse baixinho,
não te dou vosso marido,

que não sei onde ele anda.
Mas te dou este vestido,

última peça de luxo
que guardei como lembrança

daquele dia de cobra,
da maior humilhação.

Eu não tinha amor por ele,
ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado
confessou que só gostava
de mim como eu era dantes.
Me joguei a suas plantas,
fiz toda sorte de denogo,
no chão rocei minha cara,
me puxei pelos cabelos,
me lancei na correnteza,
me cortei de canivete,
me atirei no sumidouro,
bebi fel e gasolina,
rezei duzentas novenas,
dona, de nada valeu:
vosso marido sumiu.
Aqui trago minha roupa
que recorda meu malfeito
de ofender dona casada
pisando no seu orgulho.
Recebi esse vestido
e me dai vosso perdão.
Olhei para a cara dela,
quede os olhos cintilantes?
quede graça de sorriso,
quede colo de camélia?
quede aquela cinturinha
delgada como feitosa?
quede pezinhos calçados
com sandálias de cetim?
Olhei muito para ela,
boca não disse palavra.
Peguei o vestido, pus
nesse prego da parede.
Ela se foi de mansinho
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.
Olhou pra mim em silêncio,

mal reparou no vestido
e disse apenas: - Mulher,

põe mais um prato na mesa.
Eu fiz, ele se assentou,

comeu, limpou o suor,
era sempre o mesmo homem,

comia meio de lado
e nem estava mais velho.

O barulho da comida
na boca me acalentava,

me dava uma grande paz,
um sentimento esquisito

de que tudo foi um sonho,
vestido não há... nem nada.

Minhas filhas, eis que ouço
vosso pai subindo a escada.”